

**ENTRE O CAMPO E A CIDADE. A TURISTIFICAÇÃO DA VILA DE MONTE  
VERDE/ MG**

**Giovani Damico<sup>1</sup>**

Graduando em Geografia

Grupo de Pesquisa CitePlan

Departamento de Geografia, Instituto de Geociências - Universidade Federal da Bahia

giodamico@outlook.com

<sup>1</sup> Orientando de iniciação científica do Prof. Dr. Wendel Henrique Baumgartner  
Departamento de Geografia – Instituto de Geociências

## **ENTRE O CAMPO E A CIDADE. A TURISTIFICAÇÃO DA VILA DE MONTE VERDE/ MG<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O fluxo migratório do campo para a cidade pós-revolução industrial deixou um registro sentimental nas comunidades urbanas. Segundo alguns autores, o campo se associa à ideia do bucólico passando a ser aclamado e cortejado de forma nostálgica e passa a ser vivenciado especialmente em cidades pequenas. A ideia ou noção de cidade pequena no Brasil é de difícil concepção e entendimento. Pois esta questão vai além da definição formal do que seria uma cidade pequena, ou mesmo do que seria uma vila. A definição de cidade pequena está relacionada à fatores culturais, regionais socioeconômicos. A definição conceitual no Brasil indica que a priori, cidades com menos de 50 mil habitantes são consideradas cidades pequenas, porém este número pode variar de região para região, entretanto como tentarei elucidar no presente estudo de caso, a interação de uma cidade pequena, ou uma vila como neste caso, com a urbanização pode trazer aspectos antes particulares a cidades grandes para dentro do contexto das localidades menores, modificando-as estruturalmente e socialmente. A cidade pequena e a vila mantém atualmente uma conturbada, porém estreita, relação com as cidades mais urbanizadas sejam elas médias ou grandes. Um município pode possuir um ou mais distritos, distritos e municípios estes que apesar de seu tamanho e população reduzida, ou no caso dos distritos, que não possuem nem ao menos administração municipal própria, ainda assim muitas vezes são palco de processos de urbanização, de industrialização ou mesmo de “turistificação”. Estes processos são capazes de mudar drasticamente as feições de uma pequena cidade ou vila, os aspectos de campo e cidade passam a se confundir numa miscelânea de interações entre distintos modelos de espaço geográfico. O rural e o urbano acabam se associando de forma contrastante e conturbada. A interação entre a cidade e o campo implica em perturbações sociais, modificações da paisagem. No estudo de caso a ser apresentado o turismo que é o grande motor da economia local e intensifica as desigualdades sociais da vila de Monte Verde.

## 1 INTRODUÇÃO

O campo e a cidade são os dois termos mais imponentes no sentido de organização do espaço geográfico. O campo desde os primórdios das sociedades humanas sempre abrigou os maiores contingentes populacionais, e era o centro econômico das mais diversas sociedades. Onde mesmo em regiões que já possuíam cidades, séculos ou milênios atrás, elas tinham um caráter essencialmente rural. Cidades como Roma e Atenas possuíam ainda um caráter de certo modo rural, com economia ainda muito ligada a agricultura (LEFEBVRE, 1999).

A partir do século XVIII, a Revolução Industrial impactou muito fortemente as relações de trabalho, e a oferta de emprego, ao passo que a instauração da indústria em determinadas regiões inicialmente rurais (próximas a carvoarias ou em alguns casos próximas a fazendas), as tornou alvo de fluxos migratórios, onde o principal objetivo era buscar oportunidade de emprego, em um mundo novo que se formava. Os meios de produção eram alienados do trabalhador e a terra era cercada, restando apenas a opção do êxodo na direção das fábricas.

Com o passar dos anos, a revolução nos meios de transporte possibilitou um rápido e fácil fluxo de pessoas e escoamento de matérias primas e combustíveis, o que levou as fábricas a migrarem para os grandes centros urbanos (então em processo de formação), onde a mão de obra estaria fácil e amplamente disponível. Este é o momento crucial onde fica explicitado o contraste entre a cidade e o campo. O primeiro grande fluxo migratório levou milhões de camponeses a abandonarem suas vilas<sup>2</sup> e pequenas cidades, rumo a grandes cidades. Um processo semelhante aconteceu posteriormente nos países subdesenvolvidos, porém com particularidades que distinguem o êxodo rural do século XIX. No mundo subdesenvolvido tivemos o seguinte quadro:

Não houve nos países subdesenvolvidos, como aconteceu nos países industriais, uma passagem da população do setor primário para o secundário e, em seguida, para o terciário. A urbanização fez-se de maneira diferente e tem um conteúdo também diferente: é uma urbanização terciária. Somente depois, evidentemente com exceções que a grande cidade provoca a criação de indústrias (SANTOS, 1981, p.23 e 24).

Este padrão de urbanização se consagrou no Brasil, e o êxodo rural na segunda metade do século XX, levou à configuração de um Brasil com a maioria da população vivendo nas cidades e não mais no campo. Entretanto o sentimento de pertencimento no campo e ou a atribuição ao campo de lembranças boas que remontam a tempos de paz, tranquilidade e acesso a paisagem natural ficaram marcados na mente e no coração dos moradores das cidades, “O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples” (WILLIAMS, 1973, p.11), ao passo que a cidade passa a ser concebida como um local triste, violento e malcheiroso, muitas vezes concebido em forma de monstro com tentáculos, composto por uma malha de seres humanos, que não tem censo de comunidade e apenas se exploram uns aos outros (WILLIAMS, 2011).

A relação do campo com a cidade foi sutilmente modificada ao passar das últimas décadas e ondas de migração de retorno para o campo já são observadas, evidentemente ainda em número pequeno, mas ainda assim expressivo e que reflete intimamente o quanto a vida urbana tem, através dos seus aspectos mais repulsivos, criado uma necessidade de fuga mesmo que esporádica, da cidade para o campo. Neste sentido se enquadra o foco do presente estudo de caso, que visa através do ponto de vista geográfico apresentar e explicar como a interação entre a cidade e o campo pode consistir em vantagens unilaterais, danosa para a sociedade menos imponente, a sociedade rural. A hegemonia da cidade tende a se estender muitas vezes para fora dos seus domínios, causando assim um enorme desequilíbrio entre as distintas sociedades (urbana e rural), que acabam por se misturar de forma às vezes positiva, mas, preponderantemente seguindo a lógica da submissão do campo à cidade grande. "Mesmo para combater e rejeitar a cidade, os homens vinham para a cidade; não havia outra saída." (WILLIAMS, 1973, p.376). Essa lógica de submissão configura uma espécie de parasitismo urbano. O parasitismo urbano se configura no momento em que a cidade grande utiliza sua influência para se apoderar das riquezas do campo, ou quando a população já defasada do campo é absorvida pelos grandes centros urbanos (SANTOS, 2008).

O campo neste quadro irá protagonizar eventos que refletem bem a influência que a cidade grande tem sobre a cidade pequena, ou sobre a vila. Uma pequena cidade ou vila pode sofrer enormes transformações estruturais, físicas e sociais, a partir do momento que seu contato com a cidade grande é estabelecido, uma vez que uma indústria se instala ou no momento em que um empreendimento turístico de grande porte é estabelecido no espaço rural, que estará sujeito a profundas modificações de suas qualidades anteriores. Ainda que a posição de soberania da cidade em relação ao campo tenda a se mostrar cada vez mais como uma realidade, não podemos, entretanto, achar que a cidade se beneficia de tal fato. Acusar as cidades de esvaziar o campo e enriquecer as suas custas, é uma forma de superestimar o poder da cidade, quando na verdade a cidade é um mero intermediário de um sistema econômico e social vigente, isso fica claro ao vermos que a Venezuela que possui mais de 70% de urbanização, não obstante continua sendo um país subdesenvolvido (SANTOS, 1981). O Brasil de hoje em dia tem 90% de grau de urbanização, e ainda é um país emergente. Fato que torna evidente como urbanização não pode ser automaticamente sinônimo de desenvolvimento, assim como desenvolvimento não significa necessariamente urbanização.

O Sistema capitalista que se alimenta ainda hoje de um campo que é cada vez mais expulso da vista, e ofuscado pelas políticas, é o mesmo campo que vive num eterno contraste com a cidade, contraste este que se mostra cada vez mais forte na nostalgia pelo campo, o bucolismo revive nestes sentimentos, e assim as vilas são cada vez mais o destino para o qual o capital voltado para o ecoturismo se direciona.

A concepção de vila é muitas vezes confundida com a de cidade pequena, fato que remete a ausência de uma boa definição do que seria de fato uma cidade pequena (BAUMGARTNER, 2014), e muitas vezes, bairros menores ou afastados das vilas, são chamados de vila, enquanto o seu centro é chamado de cidade, fato interessante, que poderia ser traduzido da seguinte forma, uma área um pouco mais urbanizada, mesmo

que no contexto do campo, é vista pela população local como a cidade; enquanto ao conceito de vila se associa o espaço rural, pouco modificado, principalmente em relação a seus aspectos físicos.

## 2 CARACTERÍSTICAS DE MONTE VERDE

A pequena vila de Monte Verde foi constituída de um processo de imigrações no período de entre guerras. Seus atributos climáticos foram decisivos na escolha de onde seria estabelecida uma nova colônia de letões, alemães e húngaros principalmente. Sua localização na Serra da Mantiqueira, com altitude média de 1650 m, possuindo pontos de até 2100 m, fator geográfico este que caracteriza o clima local, como tropical de altitude, com alguns aspectos de clima subtropical, sendo assim a região particularmente fria, com grande incidência de pinheiros e araucárias nativos, além de morfologia que remete às regiões montanhosas europeias. Estas feições tornaram a região um típico “lar” para os imigrantes recém-chegados, que se estabeleceram na região, construindo casas e sítios com muitas características das construções de suas respectivas terras natais, criando assim uma atmosfera peculiar para a região do sul de Minas Gerais, que muito se assemelha com a cidade de Campos do Jordão, fato que tornou a vila uma potencial atração turística. Inicialmente a vila era formada por algumas fazendas, que com o passar dos anos foram divididas em lotes menores e vendidas, possibilitando assim um crescimento populacional, e criação de uma pequena sede para a vila, que passou a ser chamada de Monte Verde, ou Grünberg, como é conhecida pelos moradores mais antigos fazendo ainda uma utilização do nome em alemão.

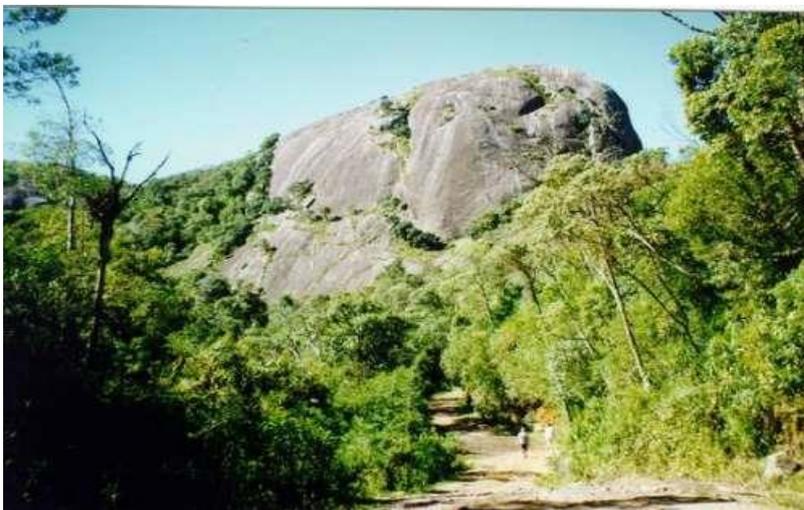


Figura 1: Geomorfologia local, Pedra Redonda

Fonte: <http://www.terrazul.tur.br/images/upload/5534.jpg>

A vila de Monte Verde é um distrito pertencente ao município de Camanducaia, que possui população estimada em 21.844 habitantes segundo o último censo do IBGE. Monte Verde possui população de cerca de 4.000 habitantes, podendo este número

variari para aproximadamente 5.000 habitantes devido a processos de migração sazonal que ocorrem em períodos de alta atividade turística, que se configura como o fator central da economia local. A rede de saúde pública conta com um posto de saúde, porém serviços mais especializados de saúde só estão disponíveis na cidade de Camanducaia, que se localiza a cerca de 30 km.



Figura 2: Localização de Monte Verde.

Fonte: [www.guiamonteverde.com.br/acesso/](http://www.guiamonteverde.com.br/acesso/)

### 3 O TURISMO COMO ATIVIDADE ECONÔMICA PREDOMINANTE E A DESCARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO RURAL

Como descrito previamente, o clima tem papel culminante no tom turístico da região. A arquitetura local somada às belezas naturais dá o toque final para tornar a vila singular e atraente. Em função desse quadro de elementos favoráveis, a presença do turismo que começou tímida com a criação de alguns hotéis-fazendas, ampliou-se em larga escala com a chegada de novos diversos empreendimentos hoteleiros, que vão desde modestos chalés, até luxuosos e suntuosos hotéis cinco estrelas, com *spas* e serviços turísticos de nível internacional.

Atualmente a vila de 650 hectares conta com cerca de 160 estabelecimentos hoteleiros, sendo eles de pequeno, médio e grande porte. A rede hoteleira de Monte Verde é organizada em forma de associação, através da chamada AHPMV (Associação de Hotéis e Pousadas de Monte Verde), associação a qual possui um enorme poder econômico e político na região, e foca seus esforços para uma canalização ainda maior da economia local para o turismo, atividade inserida de modo que particularmente destoa da vila.

O turismo na vila de Monte Verde é uma atividade principalmente sazonal, onde a grande parte dessa atividade se concentra no período do inverno, além de feriados

prolongados e fins de semana. O público alvo do turismo local consiste principalmente de paulistanos e campineiros, visto que são estes os grandes centros urbanos que se aproximam de Monte Verde, estando ambas localizadas a cerca de 170 km. Já vemos aqui um início da relação entre campo e cidade, na qual a economia local se mobiliza claramente em função das cidades grandes. Um exemplo interessante se tem no fato de que as folgas em praticamente todos os estabelecimentos comerciais se dão na terça-feira e quarta-feira, seguindo uma lógica do fluxo do turista que está presente no fim de semana, e deve, portanto, encontrar lojas e estabelecimentos abertos. Analisando separadamente esta pode parecer uma alteração inocente no estilo de vida da população local, mas existem outros fatores que agravam a relação entre os benefícios que o turismo traz em termos meramente econômicos, em detrimento da dinâmica social local que se vê nitidamente distorcida.

Existem três modalidades principais de turismo que se destacam em Monte Verde e ambas vem sendo potencialmente exploradas, sendo a primeira o ecoturismo ou turismo de aventura, com visitação de paisagens locais, como morros, rios, cachoeiras e trilhas. Esta modalidade de turismo tem importante relação com a preservação do meio ambiente local, que tem sido proporcionada através da transformação de toda região em uma APA (Área de Proteção Ambiental). A criação desta APA veio relacionada com a duplicação da rodovia Fernão Dias, que liga as cidades de São Paulo e Belo Horizonte, rodovia a qual é a porta de acesso a Monte Verde. A duplicação da rodovia por si só, gerou um impacto ambiental considerável, mas outros impactos foram levados em consideração. Algumas das nascentes de rios que abastecem o sistema Cantareira (principal barragem que fornece água para a região da Grande São Paulo) estão situadas em Monte Verde e regiões circunvizinhas. O Rio Jaguari é o principal a ter sua água captada, fato que aumenta a necessidade de cuidados com a preservação do meio ambiente local; neste aspecto o Governo de Minas criou medidas de proteção e mitigação de impactos ao meio ambiente, teoricamente efetivas. Teoricamente, pois em situações onde a especulação do capital é muito grande, existem violações das leis de proteção ambiental da APA, os grandes empreendimentos hoteleiros, que pregam o “selo” verde e sustentável, muitas vezes não possuem tratamento adequado de esgoto, configurando um potencial risco de poluição das mananciais de rios e nascentes, além da presença de construções que não respeitam algumas das leis ambientais.

O segundo tipo de turismo que se destaca em Monte Verde, este que é o que vem sendo mais comercializado e propagandeado, é o turismo voltado para casais, com a intensa venda de passeios românticos para lua de mel. Monte Verde foi consagrado com títulos como o de Melhor destino Romântico (2009), concedido pela Editora Abril, e melhor destino de inverno do Brasil (2008), pelo Guia Quatro Rodas. Prêmios que aumentaram o alarde em torno do turismo local, o que gerou a implementação de mais serviços de alto nível, principalmente em hotelaria e alimentação.

O terceiro tipo de turismo seria voltado para passeios de famílias, modalidade que se destaca principalmente em períodos de férias escolares. O turismo voltado para famílias pode muitas vezes combinar os elementos de ecoturismo, porém sempre com caráter mais leve, além dos passeios pelas lojas e galerias, onde se encontra uma variedade de produtos, desde alimentícios a roupas de frio.

Monte verde chega a receber 30 mil turistas no período do inverno (a maior parte no mês de Julho, impulsionado pelo grande número de pessoas e famílias em férias), um número quase oito vezes maior do que a população local.

O estilo de vida da população local tem sido profundamente afetado e transformado pelo turismo, pois as características originais da vila se tornam cada vez mais modificada. A presença de diversos restaurantes de cozinha internacional na pequena avenida onde se concentra o turismo da vila seria algo de certo modo esperado, considerando as origens da vila, entretanto a forte presença do *fondue*, e outras iguarias suíças em muitos dos restaurantes, chama atenção para, partindo do pressuposto que a população de imigrantes não possuía origens suíças. Chego assim à conclusão, de que a introdução deste tipo de restaurantes, tem meramente um caráter turístico (principalmente o turismo romântico) e não tradicional. A avenida principal possui de 40 restaurantes, maioria dos quais são restaurantes finos, com preços fora da realidade local, preços que podem apenas ser pagos pelos turistas, visto que a renda média anual per capita em Camanducaia é de R\$ 12.896,89<sup>3</sup>.

Existe por parte dos estabelecimentos locais, um forte aliciamento para o trabalho de jovens, e por vezes mesmo crianças, desenvolvem atividades laborais. A oferta de trabalho para os jovens tem as mais variadas funções, desde a distribuição de panfletos, trabalhos de garçom, cortadores de queijo e doces, acompanhantes em passeios a cavalo e de quadriciclo ou mesmo guias turísticos para as trilhas e cachoeiras de Monte Verde e regiões circunvizinhas. A implicação social disso pode ser observada facilmente, quando jovens abandonam parcial ou totalmente os estudos visando assim ter tempo livre para desenvolver estes trabalhos remunerados, trabalhos os quais não são registrados legalmente, o que deixa o jovem sem registros que possam atrelá-lo ao seu empregador, de modo que não existe proteção alguma concedida ao jovem trabalhador. A falta de políticas públicas para coibir este tipo de contratação indevida, faz com que a prática seja amplamente realizada. Dados do IBGE sobre o trabalho infantil<sup>4</sup> mostram como em diversas cidades e vilas espalhadas pelo interior do país ainda existem práticas de trabalho infantil, porém no caso de Monte Verde o turismo vem dinamizando essas práticas. A própria colheita do pinhão, fruto da araucária, é um dos maiores exemplos de trabalho infantil realizado na vila de Monte Verde, onde as crianças e jovens além de colherem o pinhão realizam a sua venda.

O trabalho sazonal é uma outra porta de entrada para pessoas de outros municípios que chegam em períodos de alta temporada. O aumento repentino de circulação de pessoas movimenta não somente a economia, bem como agita a vida noturna, principalmente no bairro que é conhecido como “Vila”<sup>5</sup> onde a grande maioria da população de trabalhadores reside. Esta movimentação adicional de pessoas é associada muitas vezes a maior incidência de furtos, assaltos e violência.

A atmosfera urbana tem transformado Monte Verde, no que pode ser chamado de uma “cidade pequena com forte urbanização”, este termo deve remeter ao fato de que as características rurais do local, estão cada vez mais sofrendo interferência do urbano, as ruas passam a sofrer de engarrafamentos; o silêncio característico do campo, dá espaço à música alta em bares e festivais. A agricultura perdeu totalmente seu espaço, e as pequenas feiras de frutas e verduras são compostas por alimentos trazidos de outros

municípios. Para explicar melhor a perda do espaço de cultivo, precisamos adentrar no contexto da habitação local.



Figura 3: Foto da Avenida Monte Verde.

Fonte: <http://www.monteverdeonline.com.br/images/avenida-principal-de-monte-verde.jpg>

#### **4 HABITAÇÃO E ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA – O EMBATE ENTRE O ESPAÇO RURAL E A CIDADE**

Monte Verde possui algumas divisões geomorfológicas que separam a vila em três partes principais: a avenida principal, região mais turística da vila, localizada cerca de 30 m abaixo da “Vila”; a “Vila” é o nome popular dado à área mais urbanizada de Monte Verde onde mora a maioria dos habitantes locais (população de trabalhadores e pequenos comerciantes); e a terceira parte são as avenidas que dão acesso às imediações dos elevados picos da vila de Monte Verde, que chegam a até 2100 m de altitude.

Existe uma diferença substancial entre a qualidade e distribuição das moradias em Monte Verde. O centro comercial da vila é tomado por lojas e alguns casarões que muitas vezes são divididos em pequenos apartamentos alugados, ou para temporada, ou em regime padrão de aluguel, porém os preços nesta região são excessivamente elevados em comparação com a “Vila”. O aumento dos preços dos imóveis e alugueis é impulsionado potencialmente pela especulação imobiliária trazida pelo turismo excessivo na região, visto que à medida que a procura aumenta a oferta diminui progressivamente (Lei da oferta e demanda). A “Vila” é constituída por um grande número de pequenas residências, muitas com aspecto assemelhando-se ao fenômeno de favelização urbana, com casas aglomeradas, sem saneamento adequado e sem acabamento, além de problemas de segurança. A “Vila” é de fato onde a maior parte da população reside, enquanto nas demais partes há uma outra localidade diferente, de caráter turístico e artificial, exibindo construções antigas que remetem aos primeiros colonizadores da vila de Monte Verde. Aqui se explicita um contraste na paisagem, onde os objetos são os mesmos, mas têm a sua utilização modificada, exemplo semelhante ao observado no centro histórico de Salvador (também conhecido como Pelourinho).

A especulação imobiliária causou um grande déficit habitacional na vila, devido à dificuldade de aquisição de imóveis, em função do aumento excessivo no valor das terras de Monte Verde. Houve uma expansão expressiva do valor de troca, o que culminou na restrição da área ocupada pela população de classe média e classe baixa apenas à região conhecida como “Vila”. Este fator restringe a possibilidade de manutenção da agricultura, que atualmente quase não é praticada mais em Monte Verde, exatamente pela falta de acesso à terra. Em uma localidade onde não há falta de terra propriamente dita, entretanto, há uma concentração da posse da terra.

As avenidas que dão acesso aos morros e colinas da vila, se assemelham à avenida principal, porém possuem casarões ainda maiores e com maior área verde e alguns pequenos sítios, essas ruas apesar de não serem pavimentadas, são conhecidas por abrigarem mansões de muitos empresários e políticos com grande poder aquisitivo. Esta divisão no distrito é um dos principais fatores que remete à estrutura das grandes metrópoles brasileiras.

A percepção da distinção entre cidade e campo em uma vila como Monte Verde, é um trabalho difícil de ser realizado, o olhar geográfico deixa visível como os dois espaços estão sempre se inter-relacionando como uma espécie de simbiose, num sentido em que a cidade se faz cada vez mais presente no campo, ao mesmo tempo em que a população da cidade sente falta do campo, e cria o ideal de voltar ao campo. A casinha no campo passa a ser um ideal ou um sonho (WILLIAMS, 1973). Entretanto, na busca pelo campo, pela vida bucólica, o que acontece de fato é uma nova forma de trazer a cidade para o campo, uma busca por um campo com elementos da cidade, com acessibilidade a serviços tipicamente urbanos. O contraste entre as realidades distintas do rural e do urbano acaba assim sendo perturbado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos que discutem o campo e a cidade são particularmente complexos, esta temática é abrangente e de difícil abordagem. É necessário o aprofundamento nos estudos desta relação para possibilitarmos uma compreensão menos estigmatizada dos espaços urbano e rural.

Raymond Williams, em sua obra *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura*, se ocupa nesta obra de aprofundar-se nas relações entre o campo e a cidade, analisa amplamente a realidade da Inglaterra, que inaugurou a grande transição do campo para a cidade e o processo que conhecemos por urbanização. O sentimento de que o campo é o nosso lar natural, é um sentimento que esteve claramente presente em muitos poemas ingleses além de romances, estas obras apresentadas e discutidas por Williams traziam este sentimento de saudade de um passado bucólico. É compreensivo que este sentimento exista, principalmente quando se observa que a sociedade urbana está num patamar de considerável saturação em relação a todos os problemas da grande cidade, que parecem somente ser solúveis, se a cidade for destruída e recomeçada do zero. Entretanto a situação se torna mais complexa ainda, quando percebemos que mesmo na tentativa de buscar refúgio no campo, a tendência da maioria das pessoas que vivem na cidade é trazerem consigo suas demandas, que não pertencem ao campo e sim à cidade.

O modelo capitalista cria “necessidades”, e condições que dificultam uma readaptação da sociedade urbana à sociedade rural. A própria sociedade camponesa compartilha de muitas das “necessidades” que até pouco tempo eram apenas inerentes à cidade, como os celulares e a internet, necessidades essas que nos são empurradas pelo modelo capitalista, e nos permeiam de modo que se torna cada vez mais difícil dissociar-se delas. A presença marginal da cidade englobando o campo é uma realidade que tende a se estender (como a sombra de um arranha-céu, que se estende ao longo do dia), de modo que, embora a paisagem rural, possivelmente permaneça diferente da paisagem urbana, muitas formas e silhuetas da sociedade urbana continuarão adentrando a sociedade rural.

<sup>1</sup> Artigo produzido graças à pesquisa de iniciação científica em curso.

<sup>2</sup> Uma vila é segundo o site do IBGE: Uma Localidade com o mesmo nome do Distrito a que pertence (sede distrital) e onde está sediada a autoridade distrital, excluídos os distritos das sedes municipais

<sup>3</sup> Dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: [www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=311050&idtema=125&search=minas-gerais|camanducaia|produto-interno-bruto-dos-municipios-2011](http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=311050&idtema=125&search=minas-gerais|camanducaia|produto-interno-bruto-dos-municipios-2011)

<sup>4</sup> Dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: [www.censo2010.ibge.gov.br/trabalho infantil/outras/graficos.html](http://www.censo2010.ibge.gov.br/trabalho infantil/outras/graficos.html)

<sup>5</sup> Para fazer uma distinção entre a vila de Monte Verde, e o bairro de Monte Verde chamado de vila, este será sempre referido como “Vila”.

## REFERÊNCIAS:

AHPMV (Associação de Hotéis e Pousadas de Monte Verde)  
<[www.ahpmv.com.br/port/port.htm](http://www.ahpmv.com.br/port/port.htm)>. Acesso em 06/05/2014

Baumgartner, W, 2014, Small City and new University. Perspectives and conflicts after the establishment of new public Brazilian universities in small cities, Avigon UMR ESPACE – Avignon, 22 a 24/01/2014. p 759-775

Guia Monte Verde. Disponível em: <[www.guiamonteverde.com.br/hospedagem/indice.html](http://www.guiamonteverde.com.br/hospedagem/indice.html)>. Acesso em 06/05/2014

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). **Cidades@ 2011**. Disponível em: <[www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=311050&idtema=125&search=minas-gerais|camanducaia|produto-interno-bruto-dos-municipios-2011](http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=311050&idtema=125&search=minas-gerais|camanducaia|produto-interno-bruto-dos-municipios-2011)>. Acesso em 08/05/2014

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). **Noções Básicas de Cartografia**. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual\\_nocoas/elementos\\_representacao.html](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/elementos_representacao.html)>. Acesso em 08/05/2014

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). **Trabalho Infantil**. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/trabalho infantil/outras/graficos.html>>. Acesso em 10/05/2014

Lefebvre, H., 1999, *A Revolução Urbana*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 178p

Monte Verde MG. Disponível em: <[www.monteverde.tur.br/?](http://www.monteverde.tur.br/?)>. Acesso em 06/05/2014

Monte Verde Portal. <[www.monteverdeportal.com.br/index.php/sobre-monte-verde/curiosidades.html](http://www.monteverdeportal.com.br/index.php/sobre-monte-verde/curiosidades.html)>. Acesso em 06/05/2014

Santos, M., 2008, *Manual de Geografia Urbana*, São Paulo: Edusp, 225p

Williams, R., 2011, *O campo e a Cidade: Na História e na Literatura*, São Paulo: Companhia das Letras, 531p